

A Última Floresta

De Luiz Bolognesi

Ficha Técnica

Direção: Luiz Bolognesi
Produção: Gullane e Buriti Filmes
Gênero: Documentário
Duração: 74 minutos
País: Brasil
Ano: 2021

Sinopse

Em uma comunidade Yanomani isolada na Amazônia, o xamã Davi Kopenawa Yanomani tenta manter vivo os espíritos da floresta e as tradições, enquanto a chegada de garimpeiros traz morte e doenças. Os jovens ficam encantados com os bens trazidos pelos brancos e Ehuana, que vê seu marido desaparecer, tenta entender o que aconteceu em seus sonhos

Contextualização

Um dos povos indígenas mais populosos da América do Sul, o povo Yanomami habita há pelo menos mil anos a região da floresta amazônica. São relativamente isolados e mundialmente conhecidos por sua cultura rica e diversidade linguística. Seu rico conjunto cultural e linguístico é composto de subgrupos adjacentes que falam línguas da mesma família: Yanomae, Yanomami, Sanima e Ninam. A palavra lanomâmi significa “seres humanos”, mas eles também são conhecidos como “guardiões da mata”.

O último Censo Demográfico do IBGE informa que foram registrados 1.693.535 pessoas indígenas em todo o país, das quais 27.144 são Yanomamis. As Terras Yanomami incluem, aproximadamente, 192.000 km² na fronteira Brasil-Venezuela, entre os estados de Roraima (RR) e Amazonas (AM).

Os primeiros contatos do povo Yanomami com a população nacional se deu entre os anos de 1910 e 1940, foram esporádicos. Sertanistas do Serviço de Proteção ao Índio – SPI, viajantes e coletores látex e fibra de palmeira na Amazônia foram os primeiros nape (brancos) a entrarem em contato com os Yanomami. Nas décadas seguintes, entre os anos 1940 e 1960, abertura de postos do SPI, missões religiosas criaram novos postos de contato. Estes contatos e ocupações se tornaram uma porta de entrada para epidemias de doenças devastadoras, como o sarampo, coqueluche, gripe e tuberculose. Os primeiros contatos foram danosos para esse povo não apenas pela propagação de doenças, mas também pela imposição de costumes, valores e comportamentos. Nas décadas seguintes, em função de seu potencial de exploração e pela extensão da área fronteira, que inclui a fronteira com a Guiana Francesa, Suriname, República da Guiana, Venezuela, Colômbia, Peru e Bolívia, a Amazônia passa a se tornar foco das preocupações geopolíticas do Conselho de Segurança Nacional Brasileiro. Em 1985, tem início um ambicioso plano de ocupação e desenvolvimento da Amazônia com o objetivo de promover o “desenvolvimento da área de modo harmônico e adequado aos interesses nacionais” e obter a hegemonia geopolítica na região. O projeto visava a construção de infraestrutura para promover a ocupação do território por colonos brasileiros e a instalação de projetos de mineração. Data deste período diversas epidemias que quase dizimaram o povo Yanomami. Doenças como malária, sarampo, sífilis, coqueluche e desnutrição chegaram a dizimar várias aldeias entre 1970 e 1980.

O primeiro caso de genocídio contra os Yanomami oficialmente reconhecido no País aconteceu em 1993. No massacre que ficou conhecido na justiça brasileira como “massacre de Haximu”, garimpeiros brasileiros do Rio Taboca, no alto Orinoco, assassinaram 16 indígenas a tiros e golpes de facão. O ataque ocorreu em resposta aos desentendimentos, semanas antes, com os líderes da comunidade. Os garimpeiros cercaram o acampamento e atacaram indiscriminadamente mulheres, crianças e anciões que lá se encontravam. Na origem do massacre está uma crônica situação de conflito marcada pela presença predatória das atividades garimpeiras. Em 1987, após a descoberta de jazidas minerais em Roraima, tem início uma grande corrida pelo ouro, o que levou milhares de invasores à terra Yanomami.

Os povos indígenas e tradicionais ribeirinhos são os principais afetados pela extração irregular do ouro pelo garimpo ilegal na Amazônia. Além da contaminação pelo mercúrio, o garimpo ilegal também está ligado ao aumento do desmatamento ilegal, à sedimentação dos rios, à grilagem de terras e a violência no seu entorno. Além disso, a cadeia clandestina inclui crimes ambientais e contra o patrimônio público, o tráfico de pessoas, exploração sexual de mulheres e crianças indígenas e não indígenas e condições de trabalho análogas à escravidão. Além disso, a cadeia de distribuição do ouro proveniente do garimpo ilegal é muitas vezes utilizado para lavagem de dinheiro, tráfico de armas e drogas, grilagem de terras e corrupção.

A contaminação por mercúrio ocorre porque a substância é utilizada para separação do ouro de outros materiais. Após a utilização, o mercúrio é descartado na água e no solo, contaminando as rios e por consequência, a fauna, a flora e as pessoas. O relatório da pesquisa Avaliação da exposição ambiental ao mercúrio proveniente de atividade garimpeira de ouro na Terra Indígena Yanomami, Roraima, Amazônia, lançado em 2016 relatou a presença de mercúrio em 56% das mulheres e crianças da região de Maturacá, no Amazonas em níveis superiores ao limite tolerado pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

A presença de garimpos ilegais de ouro é um problema de proporções crescentes na Amazônia e que afeta diferentes povos indígenas. Na corrida pelo ouro, garimpeiros invadem ilegalmente áreas de proteção ambiental (APAs), como Terras Indígenas e Unidades de Conservação, deixando um rastro de destruição por onde passam.

A proteção das terras indígenas contra o garimpo é previsto no Artigo 174, da Constituição Brasileira que estabelece que o Estado deve favorecer a atividade garimpeira considerando a proteção do meio ambiente. A Lei n.º 7.805/1989 que instituiu a Permissão de Lavra Garimpeira (PLG) também é clara ao excluir terras indígenas das áreas passíveis de lavra. O que caracteriza um garimpo ilegal é justamente a ausência do licenciamento ambiental obrigatório à instalação da lavra garimpeira (PLG), o que vem ocorrendo sistematicamente nesses territórios. A falta de conformidade com qualquer um dos critérios estabelecidos pela Agência Nacional de Mineração (ANM) é caracteriza o garimpo como ilegal.

Sobre o filme

A Última Floresta teve sua estreia mundial no Festival Internacional de Cinema de Berlim em 2021. O filme trata da vida e dos costumes do povo Yanomami, que habita a região do extremo norte do Brasil, entre os estados de Roraima e Amazonas, na fronteira entre o Brasil e a Venezuela. Desde sua mitologia representada pelos próprios Yanomamis, o filme nos leva a uma jornada sensorial sobre a relação profunda entre os Yanomami e a natureza ao seu redor, a partir da mitologia de criação do mundo.

No filme, o líder Yanomami e xamã conhecido por seu ativismo em defesa dos direitos indígenas e da preservação da Amazônia Davi Kopenawa lidera xamãs, pajés e líderes para convocar os espíritos da floresta para proteger as tradições de sua comunidade, assim como dos perigos que rondam seu território com o avanço predatório do garimpo. A partir de imagens que apresentam a magnitude da floresta amazônica, o filme infiltra a comunidade e testemunha a vida cotidiana dos Yanomami: a caça, pesca, coleta de alimentos e suas interações sociais.

Da dimensão da floresta, o filme acompanha um indígena no momento de sua caça. Após fisgar sua presa, ele caminha com a caça embrulhada em suas costas e nos leva para a maloca. A comunidade Yanomami é apresentada. Vemos os Yanomamis em suas atividades comuns, em grupo, nos seus afazeres, nos momentos de caça, pesca, alimentação, uma família em seu banho no rio.

Ao mostrar a harmonia e o respeito dos Yanomami pela natureza, "A Última Floresta" ressalta a urgência de proteger as culturas e conhecimentos ancestrais e preservar as tradições e o modo de vida dos povos indígenas. Além disso, o filme aborda as invasões de terras por garimpeiros ilegais, a contaminação de rios por mercúrio derivada da atividade garimpeira que ocasiona a morte dos indígenas. Esse tema destaca a luta contínua dos Yanomami pela sobrevivência e pela preservação de sua identidade cultural, trazendo ainda mais a importância dos povos indígenas como guardiões da natureza que nos ensinam que o futuro da humanidade está ligado à maneira como lidamos com a natureza enquanto sociedade.

O filme toma o ritual xamânico como elemento narrativo. Davi Kopenwa convoca os xamãs Yanomami para um ritual para chamar a proteção dos xapiri (espírito), para combater os espíritos do mal trazidos pelo garimpo. No ritual, vemos os xamãs em transe, conversando e lutando com os espíritos na dimensão do invisível.

No final, vemos o xamã observar um céu cinzento pela janela de um quarto, antes de sua palestra na Universidade Harvard, em Boston (EUA). Frente a pesquisadores, ativistas e artistas americanos, Kopenawa denunciou as principais ameaças a seu território: as invasões de garimpeiros e madeireiros. Também aproveitou para ensinar os napë que o consumo irá destruir o planeta. O consumo substituiu a ideia do compartilhar. O homem branco não compartilha. Ao lutarem pela sua sobrevivência, os indígenas ensinam aos napë, que sem a natureza a vida humana não sobreviverá.

REFERÊNCIAS

MOLINA, L. (Org). Terra rasgada: como avança o garimpo na Amazônia brasileira. 1ª edição Brasília, 2023

RAMOS, R. O papel político das epidemias: O caso Yanomami. Série Antropologia. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1993.

Ramos, A., Oliveira, K., Rodrigues, F. Mercúrio nos Garimpos da Terra Indígena Yanomami e Responsabilidades. Revista Ambiente & Sociedade. 2020.

Sites

<https://www.wwf.org.br>

<https://www.gov.br/povosindigenas/pt-br/>

<https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/>